

Ele visitou quinze mil lojas

MARIA LIMA
Da Editoria de Política

Há mais de seis meses que o empresário Lindberg Azilz Cury, literalmente, corre atrás do voto, nos trabalhos de corpo-a-corpo que duram de sete da manhã às 8 da noite, todos os dias. Nesta maratona, ele exibe a façanha de ter visitado quase 15 mil estabelecimentos comerciais, o que lhe rendeu um significativo crescimento de 4% para 18% na última pesquisa de preferência eleitoral em Brasília, a ponto de já considerar um empate técnico com o grande líder Meira Filho, seu principal adversário e companheiro de chapa.

Nas corridas diárias, Lindberg dispensa as palmilhas de água para aliviar os pés — que vêm sendo utilizadas por alguns candidatos nos trabalhos de corpo-a-corpo — e garante que ainda lhe resta fôlego para cruzar a reta de chegada no próximo sábado. Sempre fui um desportista e tenho um ótimo preparo físico”, revela.

Indispensável é a comitiva que o acompanha, composta por um grupo de moças e rapazes devidamente munidos de santinhos e panfletos, liderada por um puxador oficial que cuida dos discursos e da apresentação do candidato nas lojas visitadas. Estes grupos se revezam todas as semanas, uma vez que seus integrantes não suportam o ritmo das corridas diárias por mais de sete dias seguidos. “Só o candidato é que não pode ser substituído, se eu tivesse um sócio seria mais fácil”.

REDUTO PEFELISTA

Oito quilos mais magro e com visíveis olheiras, o local escolhido por Lindberg na última sexta-

feira foi o setor de oficinas do Centro de Taguatinga. Ali está uma gorda fatia de seu eleitorado: os microempresários. Mas ele sabe que é também um reduto pefelista, onde o líder maior é o candidato ao Senado Benedito Domingos, ex-administrador regional cassado da cidade. Por isso a batalha é em busca do segundo voto, já que todas as lojas estão enfeitadas com um grande cartaz de Domingos, que na mesma manhã havia percorrido o local com seu companheiro de chapa Osório Adriano. “Esta casa eu sei que é do Bené, mas contamos com seu segundo voto”, dizia aos lojistas.

Com passos muito rápidos, quase correndo, Lindberg não permanece mais que dois minutos em cada estabelecimento comercial, nem tampouco faz discursos. A falação fica por conta dos puxadores da comitiva, desta vez, o também comerciante Rubin Bender, que sempre muito sorridente ia anunciando: “Estamos aqui com o nosso candidato ao Senado venha cumprimentá-lo”.

Logo em seguida chegava Lindberg que não podia fazer muita coisa além de apertar mãos e dizer pequenas frases. Até os tapinhas nas costas ficavam por conta de Bender. Quando o candidato se detinha por mais tempo com um outro eleitor que queria aproveitar a oportunidade para fazer pedidos, era também tarefa de Rubin Bender arrancá-lo do local. “Deixa que eu mesmo te resolvo este problema depois...”, dizia, já puxando o braço do candidato rumo às outras lojas que ainda seriam visitadas.

Durante toda a tarde, Lindberg Cury se revelou

uma pessoa também tímida, ficando mais à vontade para pedir o apoio de pessoas aparentemente mais simples. Ao chegarem à frente do maior supermercado da região, Rubin Bender aproveitou a enorme aglomeração de consumidores e empregados, pretendendo fazer um minicômico, postou-se diante dos caixas e começou a discursar em favor do candidato com estardalhaço.

— Meu Deus do céu, olha o escândalo que ele está fazendo — disse Lindberg um pouco mais afastado, constrangido e hesitante se entrava ou não no supermercado. Foi preciso que um de seus cabos eleitorais lhe empurrasse e dissesse que levantasse os braços, já que não podia apertar as mãos de tantas pessoas. “Mas eu sou tímido”, tentava se justificar antes de passar rapidamente pela entrada da loja, para se misturar entre os camelôs mais adiante.

TRUNFO

Nas poucas conversas mais demoradas que tratava com os comerciantes, Lindberg procurava ressaltar a sua participação na campanha nacional pela aprovação do Estatuto da Microempresa, que beneficiou mais de 20 mil pequenos empresários no Distrito Federal e milhões em todo País. “Dos dez anos que estou à frente da Associação Comercial do Distrito Federal — dizia — passei sete anos lutando pela criação do estatuto da microempresa”. Com outros comerciantes procurava se inteirar dos benefícios que o programa tinha proporcionado enquanto seus cabos eleitorais distribuíam cópias do esta-

tuto autografados por ele. Este tem sido o seu grande trunfo nos trabalhos de corpo-a-corpo com os comerciantes.

Depois de apertar mãos sujas de graxa, enfrentar muitos pedidos de camisetas e até de dinheiro, Lindberg tentou travar um diálogo com um lojista, mais foi impossível, pois lhe faltou voz. Logo foi socorrido por Rubin Bender, que providenciou algumas pastilhas de Vick. Aos que lhe pediam dinheiro, em conversas reservadas de pé-de-ouvido, ele respondia irritado que isso não era possível, pois não comprava votos.

— Eu vou votar em quem me pagar mais — respondeu um balconista, assim que Lindberg lhe deu as costas. Outro pedia uma camiseta e uma saca de arroz. Havia também os que recebiam a comitiva com bastante euforia e revelavam que iriam votar no empresário mesmo que ele não os tivesse visitado.

“JINGLE”

Das crianças que encontrava nas lanchonetes Lindberg pedia beijos e depois perguntava se o conheciam, apostando que sabiam inclusive cantar o seu jingle do horário de propaganda gratuita na TV. E ele não errava, era só pedir que as crianças disparavam: “Lindberg no Senado, é pra vencer... 153, Lindberg eu vou votar”, trocando às vezes a ordem das frases da musiquinha, que é bastante chamativa.

Saindo das visitas às lojas de Taguatinga, Lindberg foi alcançado por um eleitor que lhe trazia uma lista com a adesão de 63 moradores de um prédio vizinho.